

**A EDUCAÇÃO (DIGITAL), O RACIOCÍNIO ANALÓGICO E O *CHATGPT*:
SOBRE A ILUSÃO DA PARAFERNÁLIA TECNOLÓGICA OU COMO
ESQUECEMOS FREQUENTEMENTE DA DISTINÇÃO ENTRE CONHECIMENTO
E SABER**

**EDUCATION (DIGITAL), ANALOGICAL REASONING AND *CHATGPT*:
ON THE ILLUSION OF TECHNOLOGICAL PARAPHENALIA OR HOW WE
FREQUENTLY FORGET THE DISTINCTION BETWEEN KNOWLEDGE AND
KNOWING**

**EDUCACIÓN (DIGITAL), RAZONAMIENTO ANALÓGICO Y *CHATGPT*:
DE LA ILUSIÓN DE LA PARAFENALIA TECNOLÓGICA O DE CÓMO
OLVIDAREMOS CON FRECUENCIA LA DISTINCIÓN ENTRE CONOCIMIENTO
Y SABER**

Éderson Luís Silveira¹

Recebido em: 10 ago. 2023

Aceito em: 20 ago. 2023

Resumo: Este trabalho busca trazer problematizações acerca do uso de *ChatGPT* e de plataformas digitais no ensino. Parte-se da afirmação, advinda do senso comum, de que robôs podem substituir professores e de que o *ChatGPT* pode substituir indivíduos no âmbito da produção de textos na escola. Então, considera-se os conceitos de conhecimento e de saber a partir de Michel Foucault para ensaiar respostas a esse respeito. Conclui-se que a inteligência artificial pode ser usada em sala de aula, desde que esta seja utilizada via elaboração de ações responsáveis de ensino. Ademais, reitera-se a diferenciação entre um conhecimento que robôs e algoritmos podem reunir, pois independem dos sujeitos que conhecem para ter existência no mundo material e digital, e a concepção de saber, que diz respeito a uma modificação do sujeito que conhece, durante o trabalho que ele opera enquanto conhece alguma coisa. Afinal, nesse contexto, a tecnologia, sozinha, não garante resultados positivos.

Palavras-chave: *ChatGPT*; Inteligência artificial; Saberes; Conhecimento; Educação.

Abstract: This paper seeks to bring problematizations about the use of *ChatGPT* and digital platforms in teaching. It starts from the common sense statment that robots can replace teachers and that *ChatGPT* can replace individuals in the context of text productions at school. So, consider the concepts of knowledge and knowing from Michel Foucault to test answers in this regard. It is concluded that artificial intelligence can be used in the classroom, as long as it is used through the elaboration of responsible teaching actions. In addition, the differentiation between a knowledge that robots and algorithms can gather, as they are independent of the subjects they know to have existence in the material and digital world, and a conception of knowledge, which concerns a modification of the subject who knows, is reiterated. during work he operates while knowing something. After all, in this context, technology alone does not ensure positive results.

Keywords: *ChatGPT*; Artificial intelligence; Know; Knowledge; Education.

¹ Professor Adjunto Efetivo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS/PR). Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Michel Foucault e os Estudos Discursivos (CNPq/UFAM). E-mail: ediliteratus@gmail.com

Resumen: Este trabajo busca plantear interrogantes sobre el uso de *ChatGPT* y las plataformas digitales en la docencia. Comienza con la afirmación que surge del sentido común de que los robots pueden reemplazar a los maestros y que *ChatGPT* puede reemplazar a las personas en el contexto de la producción de textos en la escuela. Luego, considera los conceptos de conocimiento y saber de Michel Foucault para contrastar respuestas al respecto. Se concluye que la inteligencia artificial puede ser utilizada en el aula, siempre y cuando se utilice a través de la elaboración de acciones docentes responsables. Además, se reitera la diferenciación entre el conocimiento que pueden recoger los robots y los algoritmos, en tanto son independientes de los sujetos que saben que existen en el mundo material y digital, y la concepción del saber, que se refiere a una modificación del sujeto que sabe, durante el trabajo lo opera mientras sabe algo. Después de todo, en ese contexto, la tecnología por sí sola no garantiza resultados positivos.

Palabras clave: *ChatGPT*; Inteligencia artificial; Saberes; Conocimiento; Educación.

1. Introduzindo o percurso

Se a pesquisa acadêmica é marcada por uma incompletude constitutiva, trouxe aqui alguns preâmbulos que marcam a necessidade incessante de fazer perguntas (Silveira, 2022, p. 87).

Frequentemente os seres humanos se deslumbram com as inovações tecnológicas e mais frequentemente ainda com o modo como a inteligência artificial costuma ser apresentada como uma instância que pode substituir as ações humanas (e até mesmo os indivíduos). A moda da vez é o *ChatGPT*, uma ferramenta tecnológica que armazena um volume extensivo de dados e é capaz de produzir textos com coesão, coerência, de modo que não pareça que foi um robô que os produziu.

Este ano, a Suécia decidiu investir 45 milhões de euros na distribuição de livros didáticos impressos. A decisão foi anunciada em dezembro de 2022 pela ministra Lotta Edholm. Até então, era o único país no mundo que vinha investindo desde 1990 na educação 100% digital. A conclusão e o diagnóstico são visíveis: há recursos indispensáveis que fazem com que nenhuma tela possa substituir o livro físico. Ao ser interrogada pelo **GI** (Tenente, 2023, s. p.) acerca do assunto, a pedagoga e autora sueca Inger Enkvist, que atua há mais de 40 anos no país europeu afirmou:

Os alunos têm atualmente menos capacidade de concentração. Dedicam menos esforço para escrever bem, porque programas de ortografia automática

fazem a escrita parecer mais fácil do que é. O principal problema é que o computador também é uma distração.

O motivo da ação mencionada anteriormente tem a ver com o fato de que houve queda no desempenho em leitura dos alunos. Nesse contexto, o aumento de uso de telas tem sido criticado por especialistas do campo da Saúde e tem sido alvissareira a defesa científica dos benefícios do livro físico para a aprendizagem. A matéria de Tenente (2023) chega a mencionar que houve um questionário realizado com 2 mil professores da Suécia em dezembro de 2022 e concluiu-se que 1 em cada 5 docentes pressupôs que seus alunos nunca tenham produzido um texto manualmente. Há quem diga que a próxima geração de alunos suecos poderia ser transformada em analfabetos funcionais por causa da educação digital. Some-se a isso o fato de que, quando defenderam a educação digital, os suecos não sabiam que haveria uma dependência cada vez maior da informação pronta e seria tolhida a capacidade de ter criatividade e a vontade de investigar, resultando, assim, na diminuição da leitura das crianças.

À esta altura, cabe um esclarecimento. Este texto não visa estimular uma caça às bruxas tecnológicas. Pelo contrário, defendemos que as ferramentas digitais até sejam incorporadas ao ensino, mas não sem criticidade. A UNESCO defende esse mesmo posicionamento, pois lançou recentemente um documento intitulado “Tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?”, em que se alerta sobre as consequências negativas do uso das ferramentas digitais sem problematizações que antecedam tal uso. Desse modo, o raciocínio de que as ferramentas digitais vão otimizar a aprendizagem ou vão modernizar a educação somente de modo positivo é, portanto, tão analógico quanto a caracterização como obsoletas as desconfianças históricas que permeiam tal instância.

Não é só o governo da Suécia que defende a diminuição de tempo de tela para crianças e adolescentes. A Sociedade Brasileira de Pediatria também defende essa postura. Nesse ínterim, a modernização tecnológica não tem rendido frutos tão saborosos como foram as perspectivas daqueles que defendiam sua implementação massiva e, assim, o castelo de marfim da utopia da modernização tecnológica começa a apresentar rachaduras suas paredes...

Tão deslumbrados ficamos com as inovações tecnológicas que acabamos nos esquecendo que as informações armazenadas (e consultadas) pela inteligência artificial foram produzidas pela cultura humana com o passar dos tempos. Em resposta ao *Jornal da USP* (2023, s. p) sobre essa questão (da utilização do *ChatGPT*), o professor Rogério de Almeida, da

Faculdade de Educação da mesma instituição situa o seguinte: “[há] uma questão muito interessante daquilo que nós consideramos humano. Porque, de certa forma, a inteligência artificial aprende conosco, ela é treinada com os textos que nós produzimos. Isso nos coloca em xeque em relação à criatividade e ao pensamento crítico”.

Na área educacional, reduzir o ensino à assimilação de modelos e de conteúdos pré-estabelecidos foi e é objeto do ensino tradicional desde longa data. Não é à toa que a capacidade de o *ChatGPT* reproduzir o modelo de redação do ENEM, por exemplo, causa espanto e deixa deslumbrados alguns desavisados e apressadinhos paladinos da defesa ininterrupta da inteligência artificial. O que nos esquecemos, de vez em quando, é que só é possível que tal ferramenta produza um texto sob essas condições porque há um molde e uma expectativa de elaboração situada no âmbito de determinada estrutura. Entretanto, somente a estrutura não reflete na instauração da criticidade. Este é o argumento central deste texto, somado a outros argumentos complementares, conforme veremos a seguir.

2. A ilusão da parafernália tecnológica e os efeitos da ausência do pensamento crítico

A necessidade de um pensamento crítico, que assinala a existência da criatividade humana, é algo que não pode ser negligenciado. Isso porque moldes de textos e reiterações de informações armazenadas estão longe de externalizar aquilo que é uma das funções primordiais da educação: o exercício do pensamento crítico. Longe de defender que ferramentas como o *ChatGPT* sejam banidas, o que este texto propõe é repensar a especificidade da educação em meio a um mundo aonde as informações chegam e se reproduzem com uma velocidade muito maior do que quando a própria internet era discada ou episódios televisivos eram acompanhados semanalmente e era preciso esperar alguns dias para ver a continuidade do seriado favorito, por exemplo.

Organizar informações e construir modelos pré-estabelecidos, reunindo conteúdos armazenados no decorrer da história da humanidade pode ser associado ao ato de parafrasear textos (não é tão inédito assim, mesmo que seja um robô que esteja fazendo). Isso porque a construção do conhecimento humano tem sido construída e reconstruída dessa forma, assentando-se em conhecimentos que lhe antecedem e atendem a modelos pré-estabelecidos de textos, em consonância com os contextos em que estes são utilizados e reproduzidos no âmbito da vida em sociedade.

Então, quando se solicita, em sala de aula, que seja produzido um texto, é preciso que se reflita sobre o assunto, e essa construção do pensamento crítico é gradual, não é imediata e não ocorre na velocidade dos algoritmos, porque é preciso considerar que seres humanos não são padronizados nem homogêneos, já que diferem-se uns dos outros. Logo, as impressões e as interpretações de cada texto (e durante a produção de textos também) são únicas, ainda que preservem similaridades com outras interpretações, e isso não quer dizer que a produção de textos possa ser reduzida a uma ação automática, sem criticidade. Inclusive, no que diz respeito ao uso do *ChatGPT*, se arquitetado de modo a fazer com que os alunos assimilem o funcionamento da ferramenta quando esta produz textos, somando-se tal ação ao estímulo para que estes produzam textos *in loco*, comparando-os entre si, isso faz com que essa instância não seja de todo ruim, e até mesmo seria fértil, no sentido de facultar conhecimentos e saberes que precisam ser ensinados.

Um segundo ponto que gostaríamos de salientar é a necessidade de reiterar a distinção entre conhecimento e saber. Para isso, retomamos algumas contribuições de um pensador francês chamado Michel Foucault, conhecido, inclusive, no campo educacional. De acordo com Revel (2005), em Foucault, enquanto **conhecimento se refere à constituição de discursos sobre objetos cognoscíveis, a partir da racionalização, da classificação dos objetos e existe independentemente dos sujeitos que os apreendem, o saber diz respeito a uma modificação do sujeito que conhece, durante o trabalho que ele opera enquanto conhece alguma coisa**. Assim, o saber está ligado ao poder, já que é a partir do discurso da racionalidade que o mundo vai ser organizado em opostos catalogadores: racional e não racional, razão e loucura, etc. Desse modo, para Foucault (1981), a relação entre saber e poder vai ocorrer através de uma dupla articulação: poder de extrair dos indivíduos um saber e de extrair um saber acerca dos indivíduos observados e que também são objeto de controle.

O que o *ChatGPT* faz é lidar com o conhecimento, reiterando informações, reproduzindo modelos pré-estabelecidos e reunindo informações que estão dispersas na rede. Diante disso, por que afirmamos que tal ferramenta tecnológica serve para reunir conhecimentos? Porque, conforme mencionado anteriormente, o conhecimento diz respeito à constituição de discursos sobre objetos cognoscíveis, ou seja, o *ChatGPT* reúne informações e organiza-as segundo determinados moldes que já circulam em sociedade e que são ratificados pelos usos sociais da escrita.

A racionalização acerca desses objetos cognoscíveis não é necessariamente a ferramenta que faz, ela já foi elaborada antes e o que a ferramenta faz é reunir o conhecimento disperso, sob determinados parâmetros, para elaborar textos “automaticamente”. Desse modo, o que o *ChatGPT* faz não é criar discursos sobre objetos cognoscíveis, mas reiterar conhecimentos armazenados e produzidos pela humanidade (que inclusive criou a própria tecnologia que os reúne). Lembre-se, portanto, que essa constituição de discursos sobre objetos cognoscíveis existe independentemente dos sujeitos que os apreendem, logo, pode ser automatizada, mecanizada (chocando um total de zero pessoas).

Outro ponto ainda precisa ser retomado, porque, em meio ao deslumbramento com a inteligência artificial, esquecemos dele: vivemos em uma sociedade desigual. Segundo a Pesquisa *TIC Domicílios* (2022), realizada todo ano desde 2005, almejando efetuar o mapeamento do acesso às tecnologias da informação e comunicação nas residências brasileiras e suas formas de utilização por indivíduos de 10 anos ou mais, 92 milhões de brasileiros acessam a internet somente pelo telefone celular. Além disso, constatou-se que 36 milhões de brasileiros não acessaram a internet no ano passado. A região com mais pessoas sem acesso à internet foi o Sudeste, com 15 milhões de pessoas (42%). O Nordeste teve 10 milhões de brasileiros nessas condições (28%). Depois, vem o Sul, com 6 milhões de brasileiros sem acesso à rede (17%) em finalmente, o Norte, com 3 milhões de pessoas (8%) e o Centro-Oeste, com 2 milhões de pessoas sem acesso à internet (5%). Ao se referir aos dados de 2020, Fistarol, Silveira e Fischer (2021, p. 4) trouxeram algumas considerações que valem para o cenário atual:

A maior parte das pessoas que não acessa a internet vive no Sudeste – que é onde está concentrada a maior parte da população nacional –, mas as regiões Norte e Nordeste são as que mais apresentaram percentual em relação à população local [...]. Por que é importante mencionar isso? Porque metade dos brasileiros sobrevive com uma renda de R\$ 438 mensais. Significa que quase 105 milhões de brasileiros vivem com menos de R\$ 15 por dia, segundo os dados do IBGE na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Rendimento de todas as fontes 2019.

Atualizando-se o dado referente à renda dos brasileiros mais pobres, podemos mencionar que a renda média domiciliar da metade mais pobre passou a ser de R\$537 mensais. Nesse sentido, quando mobilizamos a informação de que metade dos brasileiros sobrevive com uma renda mensal de R\$ 537, é preciso considerar as relações de saber e de poder daí adjacentes.

Entretanto, por que estamos falando sobre *ChatGPT* e sobre tecnologias digitais em um país onde quase um quarto da população não tem acesso à internet?!

Deixemos a questão do conhecimento de lado por um instante (porque o conhecimento existe independentemente dos sujeitos que o apreendem) e enfoquemos a questão do saber. Por que é importante reiterar a dimensão do saber? Porque o saber diz respeito a uma **modificação do sujeito que conhece, durante o trabalho que ele opera enquanto conhece alguma coisa**. Desse modo, facultar o acesso à internet a quase um quarto da população brasileira é uma questão governamental, mas pensar a que tipo de sujeito nos referimos quando falamos no uso de tecnologias digitais é uma ação que remete ao fato de que é preciso “ignorar” esse um quarto da população para voltar a se deslumbrar com as “façanhas” da inteligência artificial², já que o acesso às plataformas digitais também diz respeito à categorização dos usuários de tais ferramentas. Seria simples, se não fosse por um detalhe: para usar o *ChatGPT* é preciso minimamente ter acesso à internet. Então, esses sujeitos não podem ser ignorados (nem poderiam, mas isso não quer dizer que não tenham sido negligenciados desde longa data).

Quem pensa que se trata de um problema somente nacional está enganado. No *Resumo do relatório de monitoramento global da educação*, publicado pela UNESCO (2023, p. 07), é informado que

[o] direito à educação, cada vez mais, é sinônimo de direito à conectividade adequada; no entanto, há desigualdade no acesso. **Em todo o mundo, apenas 40% das escolas primárias, 50% das escolas de primeiro nível da educação secundária e 65% das escolas de segundo nível da educação secundária estão conectadas à internet**; 85% dos países têm leis ou políticas para melhorar a conectividade nas escolas ou entre os estudantes. [...]

No entanto, a tecnologia deveria se concentrar em resultados de aprendizagem, e não em contribuições digitais. No Peru, quando mais de 1 milhão de laptops foram distribuídos sem serem incorporados à pedagogia, **a aprendizagem não melhorou**. Nos Estados Unidos, uma análise de mais de 2 milhões de estudantes indicou que **as lacunas de aprendizagem aumentaram** quando a instrução estava sendo feita de forma exclusivamente remota (UNESCO, 2023, s. p.).

² Contém ironia.

Aos arautos de plantão da positividade tóxica (que só veem o lado bom das tecnologias digitais, nesse caso), é preciso situar: a existência de legislações que visam ampliar a conectividade dos cidadãos não significa necessariamente que a implementação de tais leis seja efetivada sem percalços e a implementação de ferramentas digitais não significam necessariamente êxito no que diz respeito à aprendizagem. Por isso, em relação aos problemas associados ao uso da internet, também é preciso considerar as dificuldades de acesso. Em solo brasileiro, quando a gente entra nesse ponto, da desigualdade social, nos deparamos com o fato de que algumas parafernálias tecnológicas não serão usadas por determinados indivíduos por falta de acesso à internet, o que acentua a desigualdade social entre os que usam e os que não usam determinados artefatos culturais. Nesse sentido, a pandemia trouxe à tona o que muitos professores já sabiam por meio da experiência: o acesso às tecnologias também é desigual.

Se o acesso às tecnologias digitais é desigual, ele não deixa de afetar um contingente enorme de indivíduos no planeta inteiro. No Brasil, por exemplo, o acesso à internet, na maior parte das famílias, se dá via telefone celular. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Tecnologia da Informação e Comunicação (IBGE, 2020), 79,3% dos brasileiros com 10 anos ou mais têm aparelhos celulares para uso pessoal, com ou sem internet. Os 28% de brasileiros que não têm celular afirmam que é caro; 24,2% afirmaram que falta interesse em obter o aparelho, 19,8% não sabem usar e 16,6% afirmaram que costumam usar o aparelho de outra pessoa. Já o uso de computadores caiu para 50,7% e de tablets para 12% (FISTAROL, SILVEIRA & FISCHER, 2021, p. 04).

Daí, Fistarol, Silveira e Fischer (2021) concluem, a partir de estudos como de Coleman e colaboradores (1966), que o nível socioeconômico dos pais afeta o desempenho escolar dos filhos na escola. O sociólogo estadunidense Coleman destaca, inclusive, que se trata de uma das mais sólidas evidências no que diz respeito ao campo da avaliação educacional (e isso lá na década de 1960). Não é exagero afirmar, portanto, que as “condições socioeconômicas impactam o desenvolvimento da aprendizagem” e que “[p]or isso as escolas públicas são tão importantes: quanto mais desenvolvido é um país no âmbito educacional, mais equanimidade há na distribuição de oportunidades de escolarização e formação” (Fistarol, Silveira & Fischer, 2021, p. 04).

Diante disso, nós voltamos para algo que já foi mencionado anteriormente: a relação entre o saber e o poder. Para isso, reiteramos que, segundo Foucault (1981), há uma dupla

articulação: poder de extrair dos indivíduos um saber e de extrair um saber acerca dos indivíduos observados e que também são objeto de controle. Quando consideramos a existência de saberes acerca de indivíduos que não usam o *ChatGPT*, frequentemente pode ser notado que há um esquecimento (in) voluntário acerca das desigualdades sociais, que se apregoa por meio da defesa de que há uma “revolução” tecnológica em curso, no que diz respeito à implementação das tecnologias digitais no ensino. O ensino é analógico, os alunos são digitais, costumeiramente se diz.

Nesse ínterim, não é somente a insuficiência escolar, que não apreende os nativos digitais, que precisa ser debatida, mas como, em meio à disparidade de sujeitos que frequentam a escola, pode ser pensado o uso de ferramentas digitais. Assim, mesmo quando se fala que um robô pode substituir indivíduos no âmbito da produção de textos, a escola pode rebater reafirmando seu papel: ao vivo, *in loco*, a produção de textos pode ser pensada tanto a partir do uso de ferramentas digitais quanto a partir do ato de criar condições que permitam **facultar o uso** de tais artifícios.

Entretanto, a escola não pode ser reduzida a uma reatualização constantemente insípida e incolor, na qual a incorporação de ferramentas digitais se dê à revelia de um planejamento responsável. Isso porque as ferramentas digitais não substituem os seres humanos que produzem textos em instâncias efetivas de uso da linguagem. Com ou sem celular, notebook ou tablet na mão, os sujeitos produzem conhecimento e, a partir desse conhecimento, se apropriam de saberes que dizem respeito à modificação daquele que conhece, durante o trabalho operado enquanto conhece alguma coisa. Essa tarefa de facultar ao indivíduo a apreensão de um saber que modifica sujeitos por meio de um interlocutor mais experiente ainda é função da escola.

Ah, mas os professores podem ser substituídos por robôs³, você poderia me dizer. Poder até podem, mas isso sob determinadas condições que tolem de indivíduos aquilo que é mais humano em nós: a criatividade e o afeto. Repassar conteúdos é diferente de construir conhecimentos e produzir saberes sobre objetos cognoscíveis. Assim, a apropriação de conhecimentos não pode ocorrer somente por meio da memorização estéril. O que ocorre é que, não poucas vezes, se reduz à educação ao uso da memorização de conteúdo.

No entanto, o desenvolvimento de habilidades de comportamento, como a criatividade, a regulação de condutas autorreguladas pelo sujeito e o pensamento crítico não são elementos

³ Lembrando que este texto não é contra a ideia de usar robôs como ferramenta de apoio ao ensino.

automatizados. Ensinar é lidar com o imprevisível, com o intempestuoso, com a desigualdade social e cultural, com a relação entre dificuldades de apropriação de conhecimentos e o mundo fora da escola, o que tem a ver com afetar e ser afetado, características estas que robô nenhum pode reproduzir.

Além do mais, automatizar a escrita de textos e acreditar que ela pode substituir indivíduos é reduzir o texto a uma estrutura na qual são depositados conteúdos, como se não houvesse um exterior que fizesse cada texto produzido ranger, extrapolar os limites do cognoscível e reinventar sujeitos, práticas e condutas, por meio de escriturais⁴ singulares. Seria o equivalente a apagar sujeitos da história e desconsiderar que a humanidade vive no mesmo mar, mas não no mesmo barco, já que alguns estão em iates majestosos e outros em boias minúsculas.

Ademais, para aqueles que defendem a hipótese de que haverá sucesso na empreitada de substituir professores por robôs, Daphne Koller, presidente do Coursera⁵, uma das maiores plataformas on-line de ensino, proferiu o seguinte enunciado para o site *Recode Decode*⁶, dos Estados Unidos: “Os robôs não serão capazes de substituir professores, porque eles não podem nos inspirar”. Segundo ela, para aprender, é preciso querer aprender. É preciso, portanto, que seja despertado, no indivíduo, um *input* que direcione tal sujeito ao esforço de ultrapassar sua acomodação. Robôs não conseguem instigar.

Além disso, robôs não podem responder perguntas que não estão programadas, nem suscitar a vontade de aprender por meio do desenvolvimento da capacidade de inspirar pessoas. Por conseguinte, haver uma tela por meio da qual se ensine não faz com que inexista alguém na frente ou atrás dela. Não se pode esquecer, ainda, que somente consideramos robôs inteligentes ou não quando pensamos em que ações os seres humanos fazem, em determinado contexto, que os torna inteligentes. Desse modo, nossa própria adjetivação da inteligência artificial tem a ver com o fato de como esta pode ser equiparada à inteligência humana, tanto que não é “inteligente” demonstrar sentimentos ou externalizar afetos, já que tais ações não fazem parte do rol de inteligências de prestígio, no que diz respeito à observação do

⁴ Termo de Conceição Evaristo, expoente da literatura marginal brasileira, construído a partir dos vocábulos “escrever” e “vivência”.

⁵ Coursera é uma empresa tecnológica estadunidense, cuja sede fica em Mountain View, e que foi fundada por Andrew Ng e Daphne Koller, ambos professores de Ciência da Computação da Universidade Stanford.

⁶ Disponível em: <https://mirchi.in/podcast/motivational/decoder-with-nilay-patel/recode-decode-daphne-koller-president-coursera> Acesso em 10 ago. 2023.

comportamento humano, por exemplo. Mas isso já é assunto para outro podcast, quer dizer, artigo.

3. Considerações (nada) finais

Frequentemente, nos esquecemos que o que nos torna humanos é a nossa capacidade de nos reinventarmos e que os textos que produzimos não são sempre os mesmos, ao mesmo tempo em que também alteramos estilos e modos de pensar acerca de determinadas ideias, além de nos posicionarmos e exercermos a criticidade de formas distintas no decorrer da vida, a partir das experiências nas quais interagimos com o meio ao nosso redor. Trata-se de saberes que **modificam o sujeito que conhece, durante o trabalho que ele opera enquanto conhece alguma coisa.**

Durante a produção deste texto, portanto, houve uma modificação do sujeito que conhece, no sentido de que fui alterando saberes a partir da apropriação de alguns conhecimentos desenvolvidos no decorrer da história da humanidade, bem como foram consideradas ideias presentes no imaginário popular recente. Dessa forma, ainda que se reporte a outros autores e ideias, o modo como as informações estão aqui dispostas e as formas de operacionalizar interpretações trazem vestígios de minha autoria intelectual.

O leitor pode estranhar que um texto escrito por apenas um autor contenha verbos conjugados na primeira pessoa do plural. Ocorre que nenhum texto se estabelece solitariamente e há quem defenda ou contrarie as ideias aqui apresentadas. Então, nada mais sensato, estilisticamente, que o modo verbal seja o que foi utilizado. Isso porque um assunto tão proeminente no cotidiano das pessoas não poderia resultar na conclusão de uma só pessoa. Assim, quem ler e concordar, pode se sentir incluído nas ideias aí presentes e quem reconhecer que elas bebem em fontes exteriores, é porque tais fontes também se fazem presentes na forma verbal usada. Por isso fazemos, investigamos, lemos, escrevemos e sonhamos com um mundo melhor, assim mesmo, no plural e nunca no singular.

Finalmente, concluímos que uma máquina pode ser útil no sentido de ser uma ferramenta mesmo, que serve para alguma coisa, mas ela não pode substituir o imprevisível universo de humanidade que nos constitui, nem a multifacetada galáxia de saberes que nos atravessa. Como uma vez Kafka afirmou em uma carta⁷, é preciso que haja cada vez mais livros

⁷ Se refere a uma carta endereçada a Oscar Pollak, em 1904.

(e poderíamos acrescentar, pessoas críticas, não meras repetidoras), porque é cada vez mais necessário que haja ações e iniciativas que apontem para vários lados da mesma situação, como um machado para quebrar o oceano de gelo que há em nós.

Referências

- COLEMAN, J. *et al.* **Equality of educational opportunity**. Washington: Government Printing Office, 1966.
- CGI. Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: Pesquisa TIC Domicílios. Brasília: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/> Acesso em 10 ago. 2023.
- FISTAROL, Caique Fernando da Silva; SILVEIRA, Éderson Luís. FISCHER, Adriana. COVID-19 e uso de Plataformas Digitais: reverberações da sala de aula do espaço físico para o virtual. **REVISTA ENTRELÍNGUAS**, v. 07, p. 1-22, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Cadernos PUC, 1981.
- IBGE. Governo Federal. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Brasília: Senado Federal, 2022.
- JORNAL DA USP. Na educação, o *ChatGPT* não estimula o pensamento crítico. **Jornal da USP**, s. p., mar. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/na-educacao-o-ChatGPT-nao-estimula-o-pensamento-critico/> Acesso em: 10 ago. 2023.
- REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SILVEIRA, Éderson Luís. O riso (colonizador) como recurso retórico do bolsonarismo: notas sobre o papel do humor na manutenção da ordem social. In: LUIZ, Tiago Marques; FERREIRA, Nilton César; SILVA, Suellen Cordovil da. (Org.). **O humor e suas Múltiplas facetas**. Jundiaí: Paco editorial, 2022. p. 71-90.
- TENENTE, Luiza. Por que a Suécia desistiu da educação 100% digital e gastará milhões de euros para voltar aos livros impressos? **G1**, s. p., 07 ago. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impressos.ghtml> Acesso em: 10 de ago. 2023.
- UNESCO. **Resumo do relatório de monitoramento global da educação**. Tecnologia da Educação: uma ferramenta a serviço de quem? Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por Acesso em: 10 ago. 2023.